

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
PRÁTICA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE
CURSO

Que pena, essa turma é muito agitada: problematizando o fenômeno da
indisciplina e da agitação em sala de aula

Agatha Almeida Xavier

Porto Alegre
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS
COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
PRÁTICA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE
CURSO

*Que pena, essa turma é muito agitada: problematizando o fenômeno da
indisciplina e da agitação em sala de aula*

Agatha Almeida Xavier

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Comissão de
Graduação do Curso de Ciências
Biológicas – Licenciatura da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul, como requisito parcial e obrigatório
para obtenção do grau de Licenciada
em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Luciano Bedin da Costa

Porto Alegre

2013

Agradecimentos

Ao meu orientador, o prof. Dr. Luciano Bedin da Costa, pelo incentivo, pelas ideias e por ter me proporcionado todo o embasamento teórico necessário para a realização deste trabalho, além de ter aceitado tão prontamente a tarefa de ser meu orientador;

À professora Russel Teresinha Dutra da Rosa pelo apoio e pelas orientações durante os períodos de estágios;

As escolas em que realizei os estágios curriculares, incluindo seus membros componentes – professores e direção – pelo acolhimento oferecido e pelas experiências compartilhadas;

À turma em que realizei as oficinas, pelas trocas de conhecimentos e pelas ricas respostas que renderam ao meu estudo, além da atenção que me proporcionaram;

Ao professor Roberto Garcia, que rapidamente se prontificou a ajudar, fazendo com que a oficina pudesse se concretizar, e mais do que isso, desse certo;

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e à COMGRAD-BIO, especialmente ao Rodrigo Fritz e à Taíse Laux por todo apoio durante os processos de matrícula e pela resolução de todos os problemas que surgiram no percurso;

Ao João Paulo Brubacher, por todo apoio e compreensão durante todo o período de elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso, e pelo carinho presente em todos os momentos;

À minha família e amigos, que torceram para que este trabalho desse certo e que me apoiaram em todas as etapas,

Obrigada!

Resumo

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem o objetivo de problematizar a agitação e a indisciplina, assuntos muito pertinentes nos processos educacionais, muitas vezes vistos como sinônimos. Para isto, foi realizada uma busca bibliográfica, abordando diferentes autores com diferentes visões sobre a indisciplina, a fim de mostrar as constantes divergências encontradas sobre o assunto, desde causas/origens até modos de se evitá-la. Depois, com o intuito de também conhecer as opiniões do corpo escolar discente, foi realizada uma oficina com alunos da sétima série (nono ano) do Ensino Fundamental, oriundos de uma escola municipal da zona rururbana de Porto Alegre. Nesta oficina, intitulada *Agite antes de usar*, trabalhou-se os conceitos de agitação, indisciplina e rótulos, através de roda de discussões e de uma atividade lúdica. Além disso, foram colocadas em questão a importância ou não dos rótulos impostos em sala de aula, assim como propostas para mudá-los. A partir destas visões, propõe-se uma nova possibilidade de entendimento da agitação, esta benéfica à aprendizagem e relacionada à ação do sujeito em relação ao conhecimento.

Palavras-chave: **Agitação. Indisciplina. Rótulos.**

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Imagem retirada do filme <i>Escritores da Liberdade</i>	27
Figura 2 – Imagem mostrando alunos indisciplinados em sala de aula.....	28
Figura 3 – Imagem mostrando alunos prestando atenção ao professor durante uma aula.....	28
Figura 4 – Imagem mostrando alunos durante o período de recreio.....	29
Figura 5 – Imagem de iogurte com rótulo feito por aluno.....	34
Figura 6 – Imagem de iogurte com rótulo feito por aluno	35
Figura 7 – Imagem de iogurte com rótulo feito por aluno	36
Figura 8 – Imagem de iogurte com rótulo feito por aluno.....	37
Figura 9 – Imagem de iogurte com rótulo feito por aluno.....	38
Quadro 1 – Cenas de indisciplina encontradas em fragmento do filme <i>Escritores da Liberdade</i>	27

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. INDISCIPLINA	11
2.1 POSSÍVEIS CAUSAS.....	13
2.2 EVITANDO A INDISCIPLINA.....	15
2.3 NEM AUTORITARISMO NEM ABANDONO.....	18
3. AGITAÇÃO	22
4. AGITE ANTES DE USAR	25
4.2 OFICINA.....	26
4.3 AGITANDO OS RÓTULOS.....	34
5. CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	42

1. INTRODUÇÃO

Durante meu período de estágio em Ciências Biológicas, observei diversos professores dizendo que muitas vezes não conseguiam dar aula devido à agitação de seus alunos; e ao saber a turma em que eu iria estagiar, ouvi comentários do tipo “*que pena, esta turma é muito agitada*”, ou “*não consigo dar aula para essa turma, eles não param quietos um minuto*”. Percebi então que estes professores possuíam um pré-conceito negativo em relação à agitação em sala de aula, achavam que era um comportamento ruim e que deveria ser reparado ou mesmo suprimido. Isso me deixou bastante intrigada, decidindo estudar o assunto mais a fundo.

Durante meu curso de graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, realizei dois estágios de docência na Educação Básica, constituintes das disciplinas EDU02X18 – Estágio de Docência em Ciências e EDU02X17 – Estágio de Docência em Biologia, um no Ensino Fundamental e outro no Ensino Médio, e em ambos tive essa mesma impressão acerca dos professores e a mesma sensação de curiosidade sobre o tema.

O estágio de Ensino Fundamental foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental Paraíba CIEP, durante o ano de 2012, e foi composto de 20 horas de observações, seguidas de outras 20 horas de exercício da prática docente. Eu havia sido aluna da escola durante a maior parte do Ensino Fundamental, o que me abriu diversas portas e facilitou o contato com os professores e a direção. A instituição era muito diferente de todas as outras escolas públicas que conheci. Era, ao mesmo tempo, rígida e respeitosa, tratando muito bem seus alunos, mas sem perder a autoridade que exercia sobre os mesmos, além disso, possuía uma estrutura maravilhosa, com uma ampla biblioteca, laboratório de ciências, salas e informática, quadras de esportes, anfiteatro, etc. No entanto, mesmo contando com essa excelente estrutura, laboratórios e aulas diversificadas, os professores seguidamente reclamavam da agitação dos alunos.

O fato que mais chamou a minha atenção durante meu período de estágio foi a maneira como os professores se referiam às turmas. Na sala dos professores, durante o período de observação, eram comuns frases como “*eu não consigo dar aula porque os alunos são muito agitados*” ou “*fulano é um péssimo aluno, ele não fica quieto em aula*”. No conselho de classe, foram frequentes comentários como “*ele é um ótimo aluno, bem quieto, nem incomoda*”. Mas será que a diferença entre o bom e o mau aluno é apenas ser quieto ou agitado? Será que ser agitado implica necessariamente em uma coisa ruim?

Durante o conselho de classe, pude perceber que a maioria destes alunos taxados como “*quietos*” vinham de lares cujo ambiente não era o mais agradável ou recomendado. Um destes alunos tinha a mãe dependente química, e estava morando com os avós. Ele estava desiludido com a situação, e começou a desacreditar da escola. Nunca deixou de fazer o que lhe era requisitado, porém se limitava a fazer aquilo que foi proposto, nunca questionando ou dando uma opinião. Parecia estar desmotivado para a aula.

Ao mesmo tempo em que estes alunos são considerados os melhores em comportamento pelos demais professores (mesmo que suas notas não fossem lá muito inspiradoras), os alunos que eram chamados agitados já eram taxados como “*alunos-problema*”, mesmo quando atingiam notas bem acima da média. Depois de ter esta experiência como professora estagiária, vi um salto na nota destes alunos considerados agitados. Ao tentar explorar esta energia que eles insistiam tanto em extravasar, fiz o máximo possível para tornar as aulas bem dinâmicas, participativas, para que todos se sentissem à vontade e tivessem a motivação necessária para que pudessem aprender. Com isso, acabei afastando aqueles alunos considerados como tímidos, enquanto atraía mais aos alunos “*bagunceiros*”. Tentava então encontrar um certo equilíbrio, mesmo sabendo que tal equilíbrio é necessariamente dinâmico e instável.

Já o estágio de Ensino Médio foi realizado na Escola Estadual de Ensino Médio Padre Reus, durante o ano de 2013, e também contou com 20 horas de observações, seguidas de outras 20 horas de exercício da prática docente. Novamente, após ouvir comentários do mesmo tipo em relação aos alunos,

utilizei diversas aulas práticas e dinâmicas, o que mais uma vez causou uma aproximação dos alunos taxados como *problema* e um afastamento dos alunos considerados exemplares.

Um dia que marcou muito este meu estágio foi nossa última aula. Em uma semana especial de conselhos de classe, recebi três períodos em um único dia para encerrar minha experiência, e decidimos fazer uma festa de despedida. Programei também uma atividade de Caça ao Tesouro, cujo prêmio seria chocolates e outros doces. O jogo funcionava assim: divididos em quatro grupos, de cerca de 8 pessoas cada, os alunos deveriam seguir as pistas deixadas em diferentes locais da escola, desvendando estas pistas que eram relacionadas aos sistemas do corpo humano, o assunto que havíamos estudado. Ao final, estavam todos eufóricos, e todos os grupos foram recompensados, independente da posição em que ficaram no jogo. Na sondagem final do estágio, a grande maioria dos alunos considerou esta atividade como a melhor de todas, enquanto apenas um aluno (que era o considerado exemplar pelos demais professores) a considerou como a pior de todas. Quando perguntei a ele o porquê da resposta, ele me disse “*prefiro aula no quadro mesmo, não gosto dessas aulas no pátio, que tem que correr*”. Senti mesmo durante a atividade, que ele estava indisposto, talvez até com vergonha ou timidez.

Independentemente da idade ou do nível de escolarização em que se trabalha, é muito comum relatos deste tipo. Alunos agitados. Mas o que significa ser agitado, pelo menos para estes professores que citei? Questionados sobre o que era essa agitação, os professores frequentemente relatavam sinais de indisciplina: alunos “mal-educados”, que não se sentam durante as aulas, que discutem com os colegas ou com o próprio professor durante a aula, que não obedecem às normas, que não seguem os horários nem realizam as atividades propostas. Pretendo, então, problematizar os fenômenos da indisciplina e da agitação em sala de aula, a fim de tentar entender melhor como ambas interferem no ambiente escolar.

Por mais que os professores comumente utilizem as palavras indisciplina e agitação como sinônimos, pretendo construir uma nova perspectiva de

agitação, que a veja como uma característica necessária ao processo de aprendizado, e que esteja ligada a uma agitação mental do sujeito, em que ele se incomode com sua posição estática e se movimente a fim de saciar sua curiosidade e vontade de aprender.

Nos capítulos Indisciplina e Agitação apresento e discuto as diferentes perspectivas teóricas sobre o tema, mostrando divergências e pontos de convergência entre autores e livros. Ao final, no capítulo *Agite antes de usar*, apresentarei duas oficinas realizadas com alunos de uma escola municipal de Porto Alegre, nas quais trabalhamos, de forma lúdica e crítica, o fenômeno da agitação sob a perspectiva discente. Como se trata de um tema recorrente na escola, procurei tomá-lo de forma generalizada, não me centrando nas aulas de Ciências ou de Biologia.

2. Indisciplina

Quando perguntamos a um professor quais são suas queixas a respeito das turmas em que leciona, invariavelmente é levantada a questão da indisciplina. Alunos que não obedecem, que não respeitam a autoridade do professor, que usam vocabulário inadequado para o ambiente escolar, que não respeitam os demais colegas, que se agredem fisicamente, que destroem o patrimônio da escola, que não param quietos.

Muitas vezes o nome do aluno é substituído por esses “não(s)” – o aluno da turma tal que *não* para quieto, aquele que *não* para de conversar -, como aborda Schäffer (2003) em sua pesquisa. A autora problematiza o fato de frequentemente haver uma substituição do nome dos alunos pela visualização dos seus problemas de aprendizagem (o *aluno-não*). Muitas vezes, o simples fato de se rotular os alunos pelas suas dificuldades ou problemas leva-os a pensar que não há como livrar-se deles – algo como “*já que me chamam de bagunceiro, tenho mais é que bagunçar mesmo*” frase que ouvi durante meu período de estágio.

O significado da palavra indisciplina pode variar de acordo com o contexto em que está sendo evidenciada, e pode ter desde um significado negativo, como “desordem proveniente da quebra das regras estabelecidas pelo grupo” (ESTRELA, 1992, p. 17); ou “procedimento, ato ou dito contrário à disciplina; desobediência; desordem; rebelião” (FERREIRA, 1986, p. 595); até um significado mais positivo como “desafio aos padrões vigentes, oposição à tirania muitas vezes presente no cotidiano escolar” (REGO, 1996, p. 85). Dentro da sala de aula, o conceito de indisciplina também é variável, e muitas vezes, é difícil dizer em que momento a indisciplina se torna violência. Apesar de frequente na rotina escolar, é um tema que precisa ser melhor problematizado, que ainda carece de autores que abordem o tema.

Essa dificuldade de se obter um único ponto de convergência a respeito da indisciplina é justificável, já que esta se relaciona com os valores e as expectativas que variam ao longo da história, entre as diferentes culturas e

mesmo dentro de uma mesma sociedade (REGO, 1996). As normas vigentes na instituição vão fazer com que, algo que em um contexto corresponda à indisciplina, em outro contexto esteja dentro do comportamento esperado. Num exemplo famoso não relacionado à educação, na Grécia, após a refeição, há o costume de quebrar os pratos utilizados, o que significa que a comida estava saborosa. Em outros lugares, como o Brasil, este mesmo ato teria outro significado, e seria visto como um ato de extrema grosseria.

Mesmo sendo uma das principais queixas nos níveis de ensino, a indisciplina, também chamada coloquialmente como “falta de educação”, não afeta apenas o ambiente escolar. Júlio Groppa Aquino (2003) diz que a indisciplina não é uma queixa exclusiva de professores, mas também dos pais, indicando que talvez seja uma questão associada à educação, ligada ao estilo de ação dos educadores (no caso, o professor na escola, e os pais em casa) com excesso ou ausência de autoridade. Ciulik (2011) diz que antigamente a educação (em casa e na escola) era mais rígida, com alunos estáticos e que a rebeldia era tratada com palmadas. Os professores abusavam da autoridade e os alunos obedeciam por medo. Hoje há uma mudança para o outro extremo, onde o foco é o diálogo, os professores perderam o controle e os alunos não param quietos em nenhum momento, sendo difícil encontrar uma forma viável de combater a rebeldia. Cardoso (1998) diz que o excesso de tolerância também é prejudicial ao aprendizado, pois o aluno não desenvolve senso crítico e sugere ao mesmo a indiferença por parte do professor em relação à turma. Oferecer tanta autonomia pode parecer falta de interesse ou preocupação, e é preciso saber diferenciar autoridade de autoritarismo, já que a autoridade é necessária para que a turma perceba o professor como uma figura de apoio, autoridade e identificação.

2.1 POSSÍVEIS CAUSAS

As causas apontadas para a indisciplina são variáveis de acordo com os autores, então vou abordar diversas vertentes do assunto, a fim de tentar fazer um apanhado geral de ideias. De maneira geral, a indisciplina pode estar ligada às regras, ao professor, à escola, ao aluno e à família, além do autoritarismo, que será explorado mais adiante. Maria Trevisol (2007) afirma que a indisciplina escolar não apresenta uma causa única. Segundo ela, complexidade é parte do perfil da indisciplina, embora seu conceito seja, ainda, um trabalho não totalmente compreendido.

Quando tentamos encontrar a causa da indisciplina, La Taille (1996) diz que, em ambientes regidos por normas (como a escola e a casa), a indisciplina poderá ser fruto de duas formas: ou da revolta contra essas normas ou do desconhecimento das mesmas. Em outras palavras, um aluno pode ter uma atitude considerada inadequada ou por não concordar com algo que está sendo imposto ou simplesmente por não saber que esta não é uma postura considerada adequada. Uma grande parte do problema está relacionada ao fato de não haver a devida apresentação das regras das escolas, e quando há, elas já foram anteriormente escritas pelo corpo docente e pela direção visando apenas aos estudantes, que ficam com uma sensação de injustiça, já que a seu ver, os professores não precisam cumprir nenhuma regra. Por que somente eles deveriam seguir as regras? Certamente as regras ali presentes não se dizem “cabíveis” para professores ou membros da direção, mas a inclusão de regras para estes poderia ter um efeito nos alunos, que passariam a sentir que fazem mais parte do ambiente escolar, com direitos e deveres iguais ao restante da comunidade escolar. É claro que a comunidade docente e a direção também se submetem a regras (como planejar aulas, comparecer em reuniões, horários a cumprir, posturas que devem exercer), mas, ao contrário do que acontece com os alunos, estas atribuições não são expostas ao corpo discente, nem são cobradas por ele.

A indisciplina pode ser também uma consequência da atitude do professor em sala de aula. Um professor desmotivado, que não busca atividades diferentes, que não planeja suas aulas, que pede aos alunos para abrirem seus livros e ficarem cada um trabalhando na sua classe, em seu caderno, cortando qualquer interação com os demais, acaba contagiando-os e desmotivando a turma (TREVISOL, 2007). O rendimento dessa sala vê-se comprometido por essas atitudes do professor. A indisciplina parece ser uma resposta clara ao abandono à habilidade das funções docentes em sala de aula, porque é só a partir do seu papel evidenciado corretamente na ação em sala de aula que os alunos podem ter clareza quanto ao seu próprio papel, que é complementar ao do professor (AQUINO, 1998, p.8).

Outra causa levantada por Trevisol (2007) seria a maneira como é formulada a escola, que se mantém com a mesma estrutura de sempre. A autora salienta: “a sociedade mudou, a família também, o aluno de hoje é diferente, mas a escola continua com seus métodos de ensino como a décadas atrás (p. 5)”. Então, o comportamento indisciplinado do aluno poderia estar sinalizando que algo na escola não está ocorrendo de acordo com as expectativas principalmente dos alunos, e mais, estes estariam reivindicando mudanças necessárias para que se realize o objetivo da escola: uma educação de qualidade, que desperte o interesse do aluno pelo aprendizado e pelo ambiente escolar. "Estamos em outro tempo e precisamos estabelecer outras relações" (AQUINO, 1996, p.12).

Além disso, a indisciplina pode ser uma consequência do comportamento familiar. Nesse sentido, quando os pais possuem dificuldades em exercer sua responsabilidade de estabelecer limites, transmitir valores para seus filhos, ou isentando-se desses papéis, podem ser considerados como indisciplinados. (TREVISOL, 2007). Os pais, principalmente atualmente, às vezes por não saberem como agir em determinados momentos, e não quererem assumir uma posição autoritária, acabam permitindo que os filhos façam de tudo, tentando evitar que este venha a sofrer algum trauma ou alguma frustração. Assim, acabam gerando a indisciplina, já que não fornecem subsídios para que a criança tenha comportamentos adequados no convívio

com outras pessoas, independente do contexto envolvido: familiar, escolar, social, entre outros. Ainda segundo Trevisol (2007), se observarmos crianças em que os pais não impõem nenhum tipo de limite identificaremos crianças que são, geralmente, rejeitadas pelos colegas, pois não conseguem respeitar ninguém. Para que a criança saiba aceitar e respeitar os limites impostos pelos professores, colegas ou amigos com que convive, é preciso que ela tenha aprendido, exercitado, desde o início de sua vida este tipo de comportamento em sua família.

De acordo com Aquino (1998), escola e família exercem papéis distintos no processo educativo, evidenciando-se uma confusão de papéis. A principal função da família é a transmissão de valores morais às crianças. Já à escola cabe a missão de recriar e sistematizar o conhecimento histórico, social, moral. Essa discussão será retomada mais tarde.

2.2 EVITANDO A INDISCIPLINA

Haveria, então, algum modo de se tentar evitar ou diminuir a indisciplina em sala de aula? Aquino (2003) fala que a disciplina escolar só é obtida a partir de acordos entre as partes, ou seja, quando o regimento e o calendário escolar são elaborados em conjunto com os alunos e o professor cuja autoridade deve ser respeitada. Somente assim as duas causas de indisciplina ditas por La Taille (1996) poderiam ser evitadas: todos os alunos teriam conhecimento das regras, e, a princípio, todos as julgariam justas (visto que todos ajudaram a elaborá-las). Além das regras, também é importante que, em conjunto, sejam debatidas as sanções ao não cumprimento destas normas (Cardoso, 1998), pois o aluno, ao transgredir uma norma, já deve saber qual será a sua punição, sem ser surpreendido por ela ou temê-la. Gotzens (2003) lembra, também, que nunca se deve utilizar maus tratos físicos ou psicológicos, e que todas as punições devem ser advertidas e previsíveis. Isso pode não parecer algo necessário de salientar atualmente, mas várias vezes vemos nas escolas

professores gritando, “zombando” ou fazendo piadas com alunos quando estes fazem algo inadequado, e este tipo de atitude poderia soar como um mau trato psicológico. Esses castigos também não devem ser de exclusão, mas sempre inclusivos e reparatórios, tentando aproximar cada vez mais o aluno “indisciplinado” do restante da turma. Todas essas combinações devem estar sempre abertas à revisão e à mudança, para que os novos casos que surgirem possam ser debatidos e resolvidos juntamente entre os alunos e o professor.

Retomemos à pergunta inicial deste subcapítulo. Mas, e como o professor pode atuar em sala de aula a fim de evitar a indisciplina discente? Como dito antes, a autoridade (e nunca o autoritarismo) ajuda os alunos a se identificarem com o professor, além de se sentirem mais seguros e confiantes. Azevedo (2012) diz que a

autoridade deve ser vista como um poder legitimado pelas partes envolvidas, que surge da aliança entre o conhecimento e a experiência na condução da classe, buscando orientar o indivíduo, ajudar o aluno a crescer social, psicológica e intelectualmente.

Arendt (1992) diz que a qualificação do professor é indispensável para que se tenha autoridade, mas que nunca a gera por si só. É preciso que ele a conquiste junto com a turma. Segundo Dubet (1997), os professores mais eficientes são aqueles que veem os alunos como eles são e não como eles deveriam ser. Com isso podemos dizer que um professor, para tentar evitar este problema em sala de aula, deve ter autoridade suficiente sobre suas turmas, no entanto sem esperar delas mais do que elas podem dar, talvez possa até mesmo fazer um pacto com elas, para que os alunos também digam o que esperam do professor, e possam construir as aulas em conjunto, sem atropelar as capacidades e expectativas de cada um.

Além do esforço do professor, é necessário que haja um reconhecimento da autoridade deste por conta dos alunos. Para isso, é necessária, segundo Aquino (1996), a existência de parâmetros morais anteriores à escolarização (permeabilidade a regras comuns, partilha de responsabilidades, cooperação e solidariedade, por exemplo), que precisam ser construídos na sua primeira educação – a que o aluno recebe em casa – antes da fase de escolarização. Segundo o autor, o aluno atual carece destes parâmetros em maior ou menor

grau, e, ao invés deles, chegam à fase escolar acometidos por agressividade, rebeldia, indiferença ou desrespeito/falta de limites.

Talvez, a indisciplina tão presente hoje nas escolas esteja revelando relações familiares desagregadoras, que não conseguiram garantir a apropriação na criança destes preceitos necessários para o processo pedagógico. Com isso, o papel da escola (que antes se baseava apenas na transmissão de conteúdos através das gerações) passou a ser quase que exclusivamente disciplinador. Ainda segundo o autor, gasta-se muito mais tempo e energia em sala de aula com questões ligadas às questões morais dos alunos do que com a tarefa epistêmica fundamental.

Apresento uma citação que traz à tona o padrão de aluno visado pela escola – e pelos professores, e como a disciplina também consta como função da escola:

As crianças são mandadas cedo para a escola, não para que aí aprendam alguma coisa, mas para que aí se acostumem a ficar sentadas tranquilamente e a obedecer pontualmente aquilo que lhe é mandado, a fim de que, no futuro, elas não sigam a cada um de seus caprichos. Essa era uma função explícita, não era escondida, havia clareza que a escola moderna tinha como função moldar os jovens para que eles ficassem quietos, sentados, obedientes para aprender e para depois, na vida, continuarem quietos, sentados, obedientes para não se darem mal. (XAVIER, 2007)

Shäffer (2003), fazendo uma pesquisa com alunos que estavam sendo encaminhados à orientação pedagógica, notou que na maioria das vezes as ocorrências denominadas “dificuldades de aprendizagem”, na verdade estavam relacionadas com distúrbios de ordem, ou questões de comportamento. Diversos alunos com boas notas estavam sendo encaminhados por apresentarem um comportamento considerado impróprio. Enquanto isso, diversos problemas de aprendizagem (alunos que realmente têm dificuldade em se apropriar dos conteúdos) são acobertados pelo fato de esses alunos serem quietos e não chamarem muito a atenção do professor.

2.3 NEM AUTORITARISMO, NEM ABANDONO

Ao contrário do que pode parecer, a indisciplina está presente em todas as classes sociais, em escolas públicas e privadas e em todos os níveis de ensino (fundamental, médio e superior). Como qualquer outra instituição, a escola está planejada para que todas as pessoas sejam iguais, visto que, desta maneira homogênea, a população é mais fácil de ser dirigida. Como mostra Xavier (2007):

(...) traz, com muita clareza, a função de escola para as crianças: olha que bonitinha essa figura, as crianças todas sentadinhas, de uniforme, quietinhas, a professora, as mãozinhas fechadas, as meninhas com as perninhas fechadas, tudo arrumadinho, tudo formatado.

Segundo Passos (1996, p. 118), a maioria das instituições é reconhecida pela sociedade por uma obsessão pela manutenção da ordem; e mais do que isso, alguns professores justificam-na como necessidade pedagógica, além de concebê-la como condição imprescindível de uma instrução eficaz. Esta homogeneização é conquistada a partir de mecanismos disciplinares, mas assim como a escola tem este poder de dominação que não tolera diferenças, ela também é recortada por formas de resistência que não se submetem às normas (GUIMARÃES, 1996).

A indisciplina manifestada pelos alunos na sala de aula pode ser uma resposta a uma abordagem autoritária por parte do professor. De acordo com Pereira (2009),

nas relações de forças sociais, quando os subordinados percebem quão danosa pode ser a ação disciplinadora da autoridade sobre eles, ou num estágio mais avançado, quando já não temem mais o poder superior, insuflam entre si movimentos de resistência às imposições, a fim de se posicionarem para garantir espaços antes renunciados.

O simples fato de haver uma cobrança no cumprimento de regras não é uma coisa negativa por si só. O problema é que nem sempre essas regras são explicadas para os alunos, nem seu significado nem sua importância. Elas poderiam servir, por exemplo, para mostrar como a turma deveria agir, e não

apenas enumerar atitudes que não poderiam ser tomadas. Como La Taille (1996, p.9) analisa,

as crianças precisam aderir a regras e estas somente podem vir de seus educadores, pais ou professores. Os 'limites' implicados por estas regras não devem ser apenas interpretados no seu sentido negativo: o que não poderia ser feito ou ultrapassado. Devem também ser entendidos no seu sentido positivo: o limite situa, dá consciência de posição ocupada dentro de algum espaço social – a família, a escola, e a sociedade como um todo.

O grande problema é que a maioria das vezes, no contexto escolar, a escola não leva em consideração as expectativas, vivências ou hábitos de cada um. Assim, “a disciplina imposta, ao desconsiderar, por exemplo, o modo como são partilhados os espaços, o tempo, as relações afetivas entre os alunos, gera uma reação que explode na indisciplina incontrolável” (GUIMARÃES, 1996, p. 78).

Um dos grandes problemas da homogeneização dos alunos na sala de aula é a maneira como essa massa é vista pelos docentes. Além de desconsiderar as diferenças inerentes aos indivíduos, os professores tendem a desconsiderar também as dificuldades de cada um. De acordo com Maffesoli (2004, p. 15), uma parte dos problemas dos professores nos colégios considerados problemáticos decorre de sua propensão a ver uma turma como uma soma de indivíduos que precisam ser aperfeiçoados, e não como um grupo com suas dificuldades, mas também com suas potencialidades coletivas.

A disciplina, utilizada como mecanismo de conformação e homogeneização, aproxima-se dos princípios da moral, que se preocupa com a padronização e enquadramento, desconsiderando as particularidades individuais. Os professores geralmente não percebem que podem utilizar as diferenças culturais, sociais e cognitivas dos seus alunos em benefício de uma aula mais atraente para estes. Segundo Wallon (1975, p. 379), tudo o que se busca em sala de aula é “obter a tranquilidade, o silêncio, a docilidade, a passividade das crianças de tal forma que não haja nada nelas nem fora delas que as possa distrair dos exercícios passados pelo professor, nem fazer sombra à sua palavra”.

Segundo Pereira (2009), quando o professor se dá conta de que os conflitos vão sempre existir, independente da sua vontade, e de que a sala de aula é um espaço complexo e heterogêneo, ele consegue, juntamente com os alunos, e não mais de forma autoritária, construir um espaço de tolerância e respeito às diferenças, em que todos possam participar e contribuir para um ambiente saudável. Segundo Guimarães (1996):

Isso não significa que a paz reinará na escola, mas que alunos e professores, por força das circunstâncias, serão obrigados a se ajustar e a formular regras comuns (...). Portanto, nem autoritarismo e nem abandono (GUIMARÃES, 1996, p. 79).

Nessa perspectiva, o professor que deseja organizar uma sala de aula equilibrada, precisa levar em consideração a imensa pluralidade presente entre seus alunos, favorecer oportunidades para a expressão livre, construir as regras coletivamente a partir de negociações e viver de forma mais intensa a enigmática relação do território escolar, com todas as suas turbulências (Pereira, 2009).

Foucault (2007) apresenta uma das principais características da modernidade, o poder disciplinar. Aponta o surgimento de uma maquinaria de poder que exerce forte pressão sobre o corpo, permitindo um controle minucioso daqueles que estão sob sua mira. Isso

implica numa coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos. (FOUCAULT, 2007, p. 118).

Uma das características do poder disciplinar é a não utilização do corpo como alvo das penas e castigos. Pretende-se privar a liberdade ao invés de castigar o corpo. Assim, percebeu-se que privando o direito de ir e vir e confinando as pessoas em instituições controladoras, seria muito mais fácil dominá-las. Isso causaria um melhor aproveitamento do poder e teria um efeito mais permanente na vida das pessoas. Pois "(...) estar proibido de mover-se é um símbolo poderosíssimo de impotência, de incapacidade e dor." (BAUMAN, 1999, p. 130).

De acordo com Pereira (2009), na escola, o poder disciplinar passou por modificações ao longo do tempo, vários instrumentos foram substituídos por

outros menos violentos ao corpo, porém não menos cruéis, pois as punições continuaram com a mesma intensidade, se não maior. Como diz Guirado (1996, p. 63):

Mas pode-se pensar (...), como a escola eliminando aos poucos a palmatória, faz a substituição por um conjunto de práticas em que a punição é exatamente a restrição ao movimento e à comunicação. Há, portanto, efeitos físicos. Mas, o objetivo imediato é a reeducação da alma do indivíduo, para que se livre de tendências delinqüenciais em vida. Para tanto é que se priva a pessoa da possibilidade de dominar seu próprio tempo, seu fazer, seu lazer.

3. AGITAÇÃO

Assim como o ocorre com o conceito de indisciplina, o termo agitação também não tem um significado definido. O termo agitação engloba muitas variáveis, e uma pessoa pode ser agitada vista por uma pessoa e não ser quando vista por outra. Também pode ser agitada em uma situação (como na escola, por exemplo) e não ser em outro. Uma criança pode ser agitada por conversar muito com seus amigos, mas também pode ser por brigar muito na escola, agredindo outras crianças. Mais uma vez, é um conceito que depende muito da moral e do comportamento esperados. O que normalmente acontece é uma associação entre o conceito da agitação com o da indisciplina, e geralmente as palavras são utilizadas quase como sinônimos.

Na adolescência (idade dos alunos que trabalhei), há uma busca da identidade própria com a necessidade crescente de independência, podendo haver atitudes contestadoras. De um lado, a necessidade de ter uma rotina e grupos sociais diferentes dos pais, e de outro, a dificuldade em assumir as responsabilidades adultas, levam o adolescente a uma fase de intensa confusão: constantes mudanças de opiniões e metas, de humor e um comportamento bastante “impulsivo” (MARCONDES, 2002). Estas constantes mudanças e a curiosidade natural da infância (que ainda permanece, pois com 12-13 anos ainda estão em fase de transição) originam uma agitação natural, que na sala de aula se manifesta (quando em níveis menores) como muita bagunça e o aumento da conversa.

Mas o ato de conversar em si geralmente não é um problema para o professor, a não ser quando é acompanhado de violência. Alguns alunos às vezes atrapalhavam minhas aulas com brincadeiras maldosas com os colegas, com desinteresse com a aula que estava sendo dada. Fortuna (2002) escreve que “mais do que descumprir regras, a indisciplina pode significar um rico manancial de informações sobre como os alunos vivem a escola e seus conteúdos.” Talvez o que estava acontecendo é que os alunos não estavam conseguindo fazer a ligação entre os conteúdos ministrados com a sua vida

fora da escola. Segundo Zenti (2000), os especialistas afirmam que os professores devem mostrar aos seus alunos que estudar pode ser divertido. Em todas as aulas, eu tentava trazer exemplos práticos para que os alunos vissem a importância do conteúdo, e sempre alguém conhecia alguma pessoa com determinada doença, traziam dúvidas a respeito dos assuntos, tentando quebrar aquela tensão presente nas aulas, e deixá-las mais divertidas. Para Charlot (2000), esses jovens vivem num mundo em que a prioridade é aprender o que lhes permite sobreviver nele. O saber escolar para eles parece inútil, muitas vezes fora da vida real, a não ser que lhes possa ajudar a obter “uma boa profissão”. Algumas vezes algum aluno perguntava “*pra quê serve isso?*” ou fazia comentários como “*nem sei por que eu tô estudando, eu vou fazer EJA mesmo...*”.

Essa falta de ligação entre o que é ensinado com o que é vivido pelo aluno, misturada à agitação da idade, resulta algumas vezes neste comportamento que os professores criticam. Pois, se a agitação é natural da idade, a ausência dela é incomum. Aqueles alunos que são extremamente quietos, que não conversam nem com os colegas, geralmente apresentam dificuldades de aprendizado, já que não costumam tirar suas dúvidas em aula e não debatem suas respostas com os colegas. Contentam-se em decorar as respostas prontas do professor, sem debater ou questionar. Estes alunos podem estar se sentindo desmotivados, algo que os impede de querer acompanhar a aula normalmente. Pozo (2002) acredita que o aluno deve criar uma certa expectativa com relação à aprendizagem, para assim sentir-se motivado, ou seja, desejar aprender para descobrir algo novo. É importante os professores se conscientizarem de que nem sempre o que for interessante para eles será interessante também aos alunos a ponto de estimulá-los a aprender. Ainda segundo Pozo (2002),

não é que os alunos não estejam motivados, que não se movam em absoluto, mas que se movem para coisas diferentes e em direções diferentes das que pretendem os professores.

Um outro aluno havia me chamado a atenção durante o período de observações. Ele era bem bonito, e imaginei que deveria atrair as meninas, ter muitos amigos, enfim, ser popular, no auge dos seus 15 anos. No entanto, percebi que ele sempre se sentava sozinho, e que quando havia alguém sentado ao seu lado pedia para que ele mudasse de lugar. As meninas o chamavam de estranho, e os meninos usavam adjetivos chulos para se dirigirem a ele. Durante as aulas, ele se limitava a copiar a matéria e resolver os exercícios, sem conversar com ninguém, sem fazer nenhuma pergunta. Perguntei certa vez o porquê dessa dificuldade, e ele me respondeu que era tímido. No entanto, seu comportamento “quieto” era considerado exemplar pelos demais professores, mesmo que suas notas estivessem sempre no limite da média exigida. Podemos avaliar o comportamento dele e dos demais colegas “quietos” e taxá-los como tímidos, mas será que é só isso?

4. AGITE ANTES DE USAR

Quando falam sobre a agitação dos alunos em sala de aula, frequentemente os professores utilizam este termo como um sinônimo de indisciplina. E o limite também não é muito esclarecido, assim como acontece com seu conceito, como já foi dito anteriormente. No entanto, será que não haveria uma outra maneira de encarar a agitação no cotidiano da escola? Será ela sempre um fenômeno negativo e perturbador à aprendizagem? Gosto de pensar em outro conceito para agitação, entendendo-a como uma característica desejada para um sujeito que se encontra passivo diante de uma proposta pedagógica. A agitação do aluno, ou mesmo de uma aula, pode ser um indicador de contato e de troca de calor com o outro, seja este um professor ou até mesmo um outro aluno. A agitação faz com que as ‘partículas’ entrem em contato, que saiam do “comodismo”.

Para compreender melhor este ponto, utilizaremos uma imagem da Química. Pois bem, quando compramos um iogurte, vemos escrito “*Agite antes de usar*”. Isso se dá pois a bebida é composta por algumas partículas sólidas que decantam e se depositam no fundo da embalagem, e essas partículas precisam ser agitadas para serem distribuídas mais uniformemente pela parte líquida, promovendo uma melhor distribuição e sabor. Numa metáfora, acredito que o mesmo deva acontecer com os alunos em uma determinada aula: o pensamento e o corpo devem ser movimentados, agitados, a fim de que aquilo que está estagnado, sem desejo, possa vir à tona, em busca de respostas e novos questionamentos. Assim, a agitação seria um item necessário para a aprendizagem. Esta será uma imagem importante para as oficinas realizadas com alunos, e que serão abaixo apresentadas.

4.1 OFICINA

De todos os textos e autores pesquisados para a elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso, a grande maioria trazia a visão de professores sobre o assunto, enquanto alguns outros relatavam a visão dos pais sobre o mesmo. Mas em nenhum deles havia uma sondagem com os alunos, o que me levou a criar um projeto de oficina, composta de duas partes, a fim de problematizar os fenômenos da indisciplina e da agitação em sala de aula com eles.

A primeira parte da oficina aconteceu no dia treze de novembro do ano de dois mil e treze, em uma escola municipal da zona rururbana de Porto Alegre, e contou com duas horas de duração. A turma participante era da sétima série (nono ano) do Ensino Fundamental, com idades entre 12 e 17 anos. Conforme alguns professores da escola, se tratava de uma turma barulhenta e ‘bagunceira’, mas que às vezes era receptiva e participativa. Era composta por cerca de 35 alunos, cuja maioria participou ativamente da atividade oral, e 21 alunos participaram também com material escrito. Havia também uma distribuição praticamente equivalente entre o número de meninos e de meninas pertencentes à turma.

Após uma breve apresentação minha e do trabalho que estou elaborando, além da justificativa deste estudo, mostrei aos alunos uma cena do filme *Escritores da Liberdade*, que retratava uma professora (interpretada pela atriz Hilary Swank) chegando em seu primeiro dia como docente em uma escola da periferia. A turma, composta por alunos considerados pelos professores como “difíceis de lidar” é constituída por um número considerável de adolescentes em conflito com a lei, usuários de drogas e alunos que costumam ir armados para a escola. A partir deste vídeo, pedi que os alunos identificassem cenas de indisciplina no filme, apontando-as em uma folha de papel, para que pudéssemos discutir posteriormente.

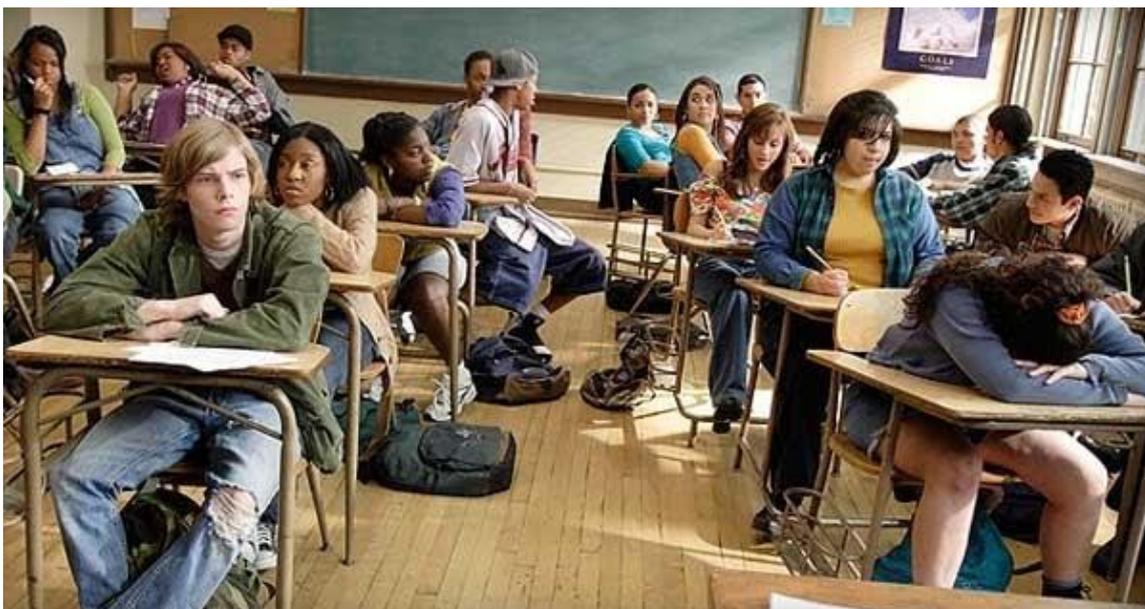


Figura 1. Imagem retirada do filme *Escritores da Liberdade*

Os diferentes apontamentos feitos estão listados no quadro abaixo:

<i>Alunos brigam durante a aula</i>	<i>Levantam da classe sem pedir autorização ao professor</i>	<i>Chegam armados na sala</i>
<i>Bullying</i>	<i>Comer na sala de aula</i>	<i>Pichar a mesa e o muro</i>
<i>Tocar a mochila no chão</i>	<i>Chegar atrasado na aula (sic)</i>	<i>Pintar a unha na sala</i>
<i>Ignorar a professora</i>	<i>Conversar durante a explicação</i>	<i>Não responder à chamada</i>

Quadro 1. Cenas de indisciplina encontradas em fragmento do filme *Escritores da Liberdade*.

Mostrei também algumas fotos que retratavam momentos de aula em que os alunos se encontravam sentados nas cadeiras, sem conversar, e outras em que os alunos estavam em pé, conversando com os colegas e atirando bolas de papel pela sala, além de outra foto que mostrava o período de recreio

em uma escola, com os estudantes correndo pelo pátio, conversando e jogando futebol. Pedi para que a turma olhasse para as fotos e novamente identificasse os pontos de indisciplina presentes nas mesmas (três destas fotos estão indicadas nas Figuras 2, 3 e 4).



Figura 2: Imagem mostrando alunos indisciplinados em sala de aula.
Fonte: <http://prof-elienai.blogspot.com.br/2011/02/dilemas-na-sala-de-aula.html>



Figura 3: Imagem mostrando alunos prestando atenção ao professor durante uma aula.
Fonte: <http://www.vitoria.es.gov.br/secom.php?pagina=noticias&idNoticia=9089>



Figura 4: Imagem mostrando alunos durante o período de recreio.
Fonte: <http://www.portalrcr.com.br/radios/jovempan/noticias-regionais/51397-projeto-viabiliza-sincronismo-na-hora-do-recreio>

Depois de ver a última foto, os alunos precisaram parar e repensar o conceito que estavam utilizando, já que várias ações se repetiam entre o primeiro grupo de fotos e este último (por exemplo, estavam todos levantados, conversando, alguns correndo), mas nem por isto estas ações eram consideradas como indisciplina quando aconteciam no período de recreio. Haveria uma variável envolvida. Disseram, então, que o conceito de indisciplina poderia variar dependendo do lugar em que se leva em questão.

Pedi para que cada aluno criasse o seu conceito para indisciplina, utilizando suas próprias palavras, para ver o que eles pensavam sobre o assunto, a fim de que pudéssemos compará-los e debater a respeito. Algumas das frases escritas estão postas a seguir:

- *Costume inadequado conforme as regras de um devido local*
- *Desrespeitar as regras e desrespeitar alguém*
- *Desrespeitar o que é mandado*
- *Atitude mal-educada do aluno que não cumpre suas obrigações*
- *Algo que não parece bom aos olhos dos outros*
- *Não convêm às regras da sociedade*
- *Fazer coisas que não devem ser feitas*
- *Indisciplina é uma pessoa desobediente*

Quase todos os alunos questionados relacionaram a indisciplina com as regras ou com o respeito às pessoas. Na aula, chegaram a um consenso de que a indisciplina estava ligada à transgressão de regras impostas pela sociedade, no caso da sala de aula, impostas pela escola e pelo professor. Uma menina disse, então, que na escola, cada professor fazia suas próprias regras dentro da sala de aula, e que uma coisa que era considerada por um docente como indisciplina poderia não ser quando vista por outro. O exemplo levantado foi o do uso dos fones de ouvido, que alguns professores consideravam uma extrema falta de educação, enquanto que outros nem se importavam com sua presença.

Questionados sobre a agitação presente em sala de aula e reclamada pelos professores, a turma argumentou que nem sempre ela pode ser considerada como um sinônimo de indisciplina. Um exemplo dado foi o de um aluno que, nervoso por estar fazendo uma prova, fica batendo freneticamente com o lápis em sua mesa, sem se dar conta de que está atrapalhando o professor e os demais colegas. Outro aluno disse que a agitação é o *excesso de vontade de se fazer alguma coisa*, enquanto um terceiro disse que *é alterar o nosso estado físico e mental para fazer alguma coisa que nos dá vontade*. A diferença relatada foi que nem sempre a agitação estaria ligada a desrespeito de regras, enquanto que este parece ser um requerimento básico para a indisciplina.

Todos concordaram que a agitação pode ser uma ação positiva ou negativa, e que isso depende do momento em que ocorre e da motivação que a levou a acontecer. Perguntei, então, em que momentos a agitação poderia ser considerada como 'boa', e obtive como respostas: *quando estamos jogando bola, quando vamos fazer alguma coisa que a gente gosta*.

Uma coisa que novamente havia me chamado muito a atenção foi a maneira como os professores da escola se referiram à turma. Mais uma vez, uma turma taxada como bagunceira, barulhenta, que não fica quieta em aula, que não senta durante a explicação... Quase uma "turma-não", como diria Schäffer (2003). Mesmo que este rótulo possa vir a transparecer o comportamento atual da turma em sala de aula, decidi abordar a questão dos

rótulos na segunda parte da oficina, pois acredito que eles também não devem ficar estagnados, acomodados. A questão para o segundo momento da oficina foi pensada a partir da seguinte reflexão: e se os alunos pudessem agitar também esses rótulos?

Perguntei a cada aluno como eles imaginavam que eram vistos pela escola e pelos docentes, e, mais do que isso, como eles gostariam de ser vistos, a partir das atitudes que apresentam durante as aulas. Este ponto é importante de frisar, pois todos os alunos gostariam de ser vistos como um aluno que o professor julgasse ser ideal (e isso pode variar muito de pessoa para pessoa), porém nem todos agem como tal; então pedi para que levassem isto em conta na hora de dizer como gostariam de ser vistos. Após esta atividade, tive alguns resultados interessantes:

- *Sou visto como um aluno que conversa muito durante a aula, mas queria que visse que eu só converso quando acabei tudo*
- *Eu acho que como criança, mas queria que vissem que sou inteligente*
- *Me veem como bagunceiro, mas queria que vissem que faço todas as tarefas*
- *Como MUITO inteligente (diferenciação maiúsculas/minúsculas do aluno), mas preferia ser um simples aluno*
- *Os outros acham que eu fico rindo demais, mas eu faço quase tudo, queria que eles vissem.*
- *Eu gostaria que eles (os professores) vissem que eu estudo bastante, mas só alguns veem isso.*

Uma coisa interessante de ressaltar é a constante presença da adversidade nas respostas. Esses *mas* representam a diferença do querer e do ter, a distância entre o que se vive e o que se pensa como ideal para cada um. Mostra, nestes casos, a insatisfação dos alunos com a maneira como são vistos pelos demais, e a vontade de mudar este rótulo.

Um aluno somente escreveu que era visto da mesma maneira de que gostaria, pois era quieto e estudioso. Outras duas falas dos alunos me fizeram refletir mais sobre o tema:

- *Eu gostaria de ser visto como comportado, mas o professor só me vê quando eu estou bagunçando.*

Esta é uma consideração muito importante, já que o professor, normalmente, só chama a atenção do aluno (e também é chamado por ele) quando este está em uma situação de indisciplina. Dificilmente um professor tem sua atenção atraída por um aluno que está sentado quieto fazendo seus deveres. Então, naturalmente, sua atenção vai sempre se voltar para algo ou alguém que esteja fugindo do comportamento esperado.

- *Acham que eu não faço nada, mas na verdade quando eu estou triste eu gosto de ficar sozinho e quieto para chorar (tipo quando eu sinto saudade do meu irmão), mas os professores não entendem isso (...).*

O depoimento me chamou muito a atenção, pois este aluno havia ficado quieto durante toda a oficina, e eu achava que ele não estava participando, até ele me entregar este bilhete. Corri atrás para tentar descobrir algo sobre ele, e descobri que seu irmão havia falecido há pouco tempo. Ficar quieto foi a maneira que ele encontrou para tentar amenizar essa dor, porém os professores veem esta atitude como uma demonstração de indiferença.

É interessante de se notar também que não são apenas os rótulos negativos (bagunceiro, criança, pessoa que só fica rindo em aula) que incomodam os alunos. Ser taxado como inteligente também não é muito vantajoso, segundo o aluno, pois os professores exigiriam muito mais dele, já que esperam que ele sempre se saia melhor do que os demais nas avaliações e atividades propostas. Por mais que, aos olhos do professor, este rótulo possa soar como algo positivo, na visão do aluno ele também é carregado de pré-conceitos.

4.2 AGITANDO OS RÓTULOS

Na segunda parte da oficina, denominada *Agite antes de usar*, novamente foi explorado o temas dos rótulos, desta vez de forma mais lúdica. Os materiais utilizados foram um pote de iogurte por aluno, tesoura e fita adesiva.

Numa metáfora, o iogurte simbolizaria o próprio estudante, que segundo minha visão, deveria ser agitado para responder aos estímulos propostos, assim como o iogurte. A tarefa proposta à turma nesta parte da atividade foi a criação de seu próprio rótulo, aquele com que deveria – e gostaria – de ser visto, e cada estudante deveria criar o seu. Além disto, um outro rótulo foi criado – aquele pelo qual os alunos acreditavam ser vistos pelos demais alunos e pelos professores – que deveriam ser substituídos pelos novos rótulos por eles elaborados.

Os alunos reagiram muito bem à proposta, e todos participaram da atividade. Alguns dos iogurtes rotulados serão discutidos a seguir.¹

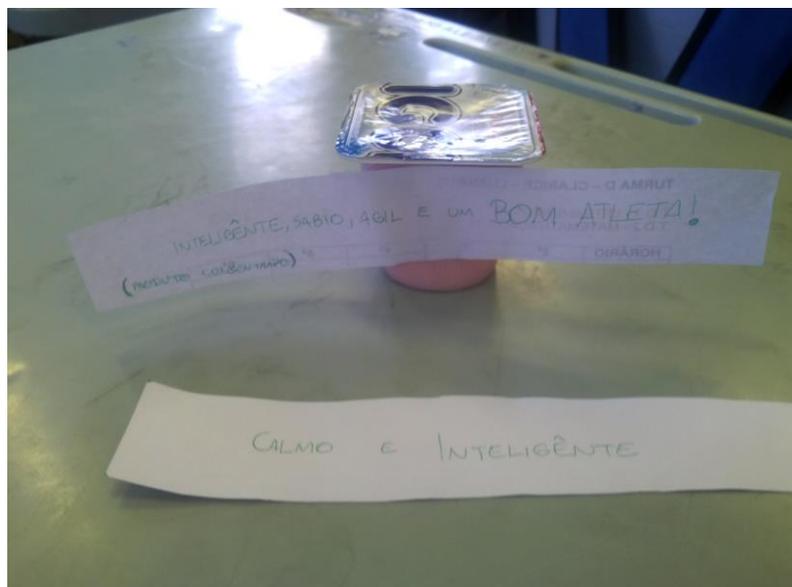


Figura 5. Imagem de iogurte com rótulo feito por aluno.

¹ **Nota:** o conteúdo dos rótulos será transcrito a cada página, devido à falta de visibilidade da imagem.

Figura 5 - rótulo do aluno: “inteligente, sábio, ágil e um bom atleta! (produto concentrado).”
Rótulo dos professores: “calmo e inteligente”

Começo minha análise por aquele mesmo aluno que disse não gostar de ser visto apenas como o mais inteligente da turma. Em seu iogurte (Figura 5), ele diz gostar de ser visto como inteligente, mas também como um bom atleta. Conversando com ele durante a atividade, soube que nas aulas de educação física normalmente os outros meninos da turma não o escolhiam para os times, pois achavam que, por ser um aluno tão inteligente, deveria jogar mal. Em um trocadilho com o lema da oficina, ele acrescentou no iogurte que se sentia como um *produto concentrado*, que deveria ser diluído entre os demais e agitado para que tivesse seu melhor aproveitamento.

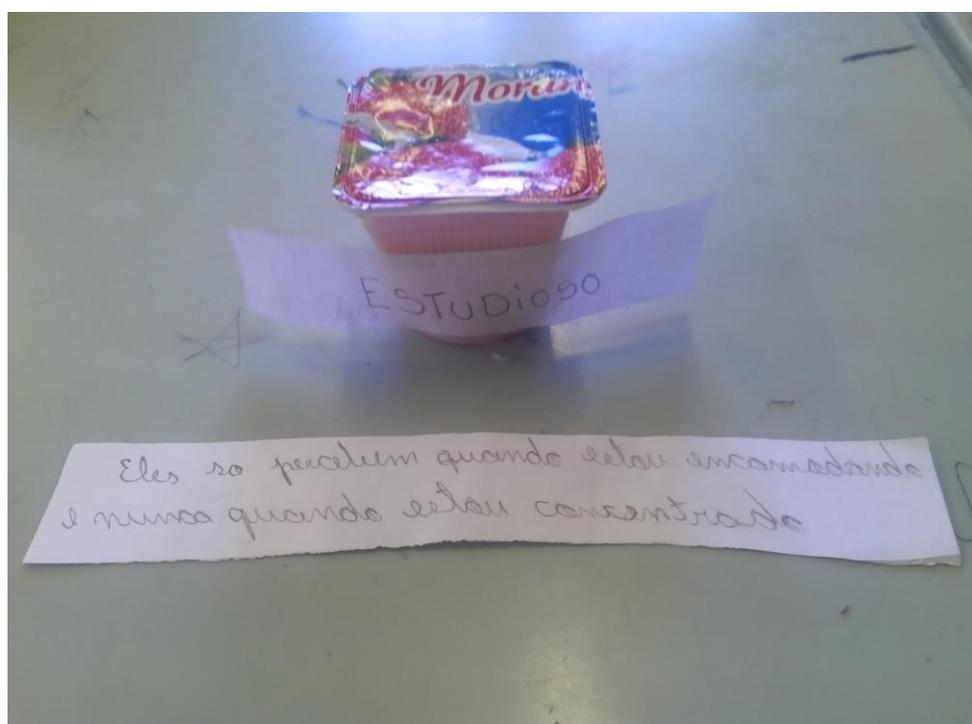


Figura 6. Imagem de iogurte com rótulo feito por aluno.

Em outro exemplo também já explorado (Figura 6²), o aluno reclama que os professores só prestam atenção nele quando está “incomodando”, e nunca quando está concentrado. Isso acontece pois, como já foi dito anteriormente, é

² **Nota:** Figura 6 – rótulo do aluno: “estudioso”

Rótulo dos professores: “Eles só percebem quando estou incomodando e nunca quando estou concentrado.”

muito mais fácil prestarmos atenção em algo que fuja do que se é esperado para um determinado momento. Então, em uma sala de aula em que o professor deseja que todos os alunos permaneçam quietos em seus lugares, ouvindo atentamente às explicações, qualquer estudante que esteja “bagunçando” ou conversando será rapidamente notado e repreendido.

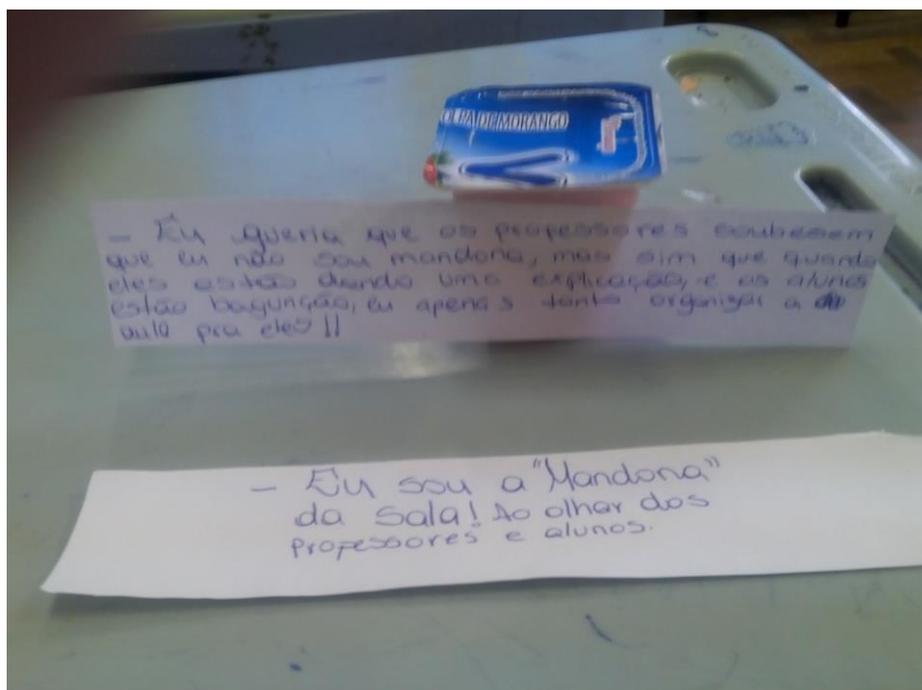


Figura 7. Imagem de iogurte com rótulo feito por aluno.

A visão de outra aluna (Figura 7³) também me chamou muito a atenção. Ela diz que é sempre vista como mandona, tanto pelos alunos quanto pelos professores. No entanto, ela fala que somente apresenta esta postura (pedir para os colegas ficarem quietos, que virem seus corpos para frente na cadeira, etc.) para ajudar o professor durante as aulas, pois, segundo ela, enquanto os professores explicam as matérias, a turma fica bagunçando e ela tenta organizar a sala para que o professor possa explicar melhor. Porém, essa

³ **Nota:** Figura 7 – rótulo do aluno: “eu queria que os professores soubessem que eu não sou mandona, mas sim que quando eles estão dando uma explicação, e os alunos estão bagunçando, eu apenas tento organizar a aula pra eles!!”

Rótulo dos professores: “eu sou a “Mandona” da sala! Ao olhar dos professores e alunos”.

ajuda não é notada pelos professores, que também a xingam por perturbar a aula.

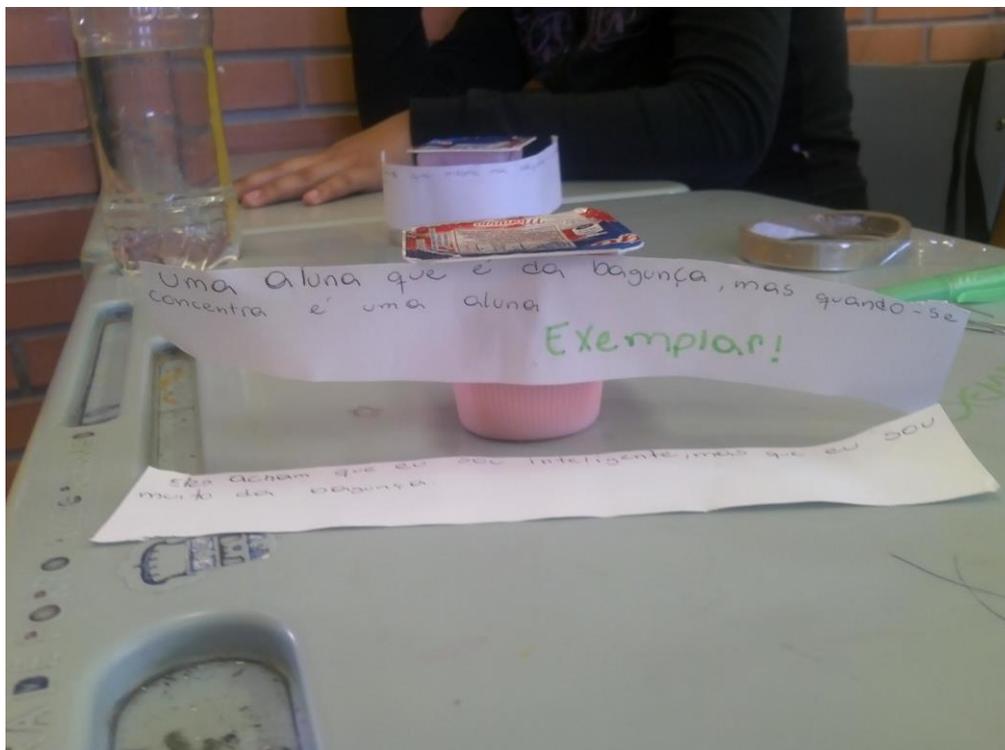


Figura 8. Imagem de iogurte com rótulo feito por aluno.

Mais uma vez é colocada em pauta a questão da “bagunça ofuscar os bons alunos”. Conversando com uma menina, ela me disse que quando se concentra é uma aluna exemplar (como mostra o iogurte da Figura 8⁴), mas que os professores não geram os estímulos necessários para que ela participe de determinadas atividades. Como exemplo, ela fala que adora responder a questões no quadro-negro, mas que os professores nunca a chamam como “castigo” por estar conversando.

A foto que fecha a análise e a oficina é a Figura 9. Nela, quando questionada sobre o rótulo que gostaria de ter, disse que não gostaria de ter um rótulo. Respondeu que preferiria ser vista pelo que realmente é – e isto

⁴ **Nota:** Figura 8 – rótulo do aluno: “uma aluna que é da bagunça, mas quando se concentra é uma aluna exemplar”.

Rótulo dos professores: “eles acham que eu sou inteligente, mas que eu sou muito da bagunça”.

estaria sujeito a mudanças - e não pelo que os demais pensassem sobre ela. Foi a única pessoa na turma que não concordou com a ocorrência dos rótulos, e disse ainda que não deveríamos ser taxados com um comportamento, mesmo que este nos agradasse, e sim deveríamos ser notados como resultado de nossas ações e pensamentos. Achei muito interessante, pois corrobora com a ideia de que mesmo os rótulos devem ser agitados e constantemente modificados.⁵

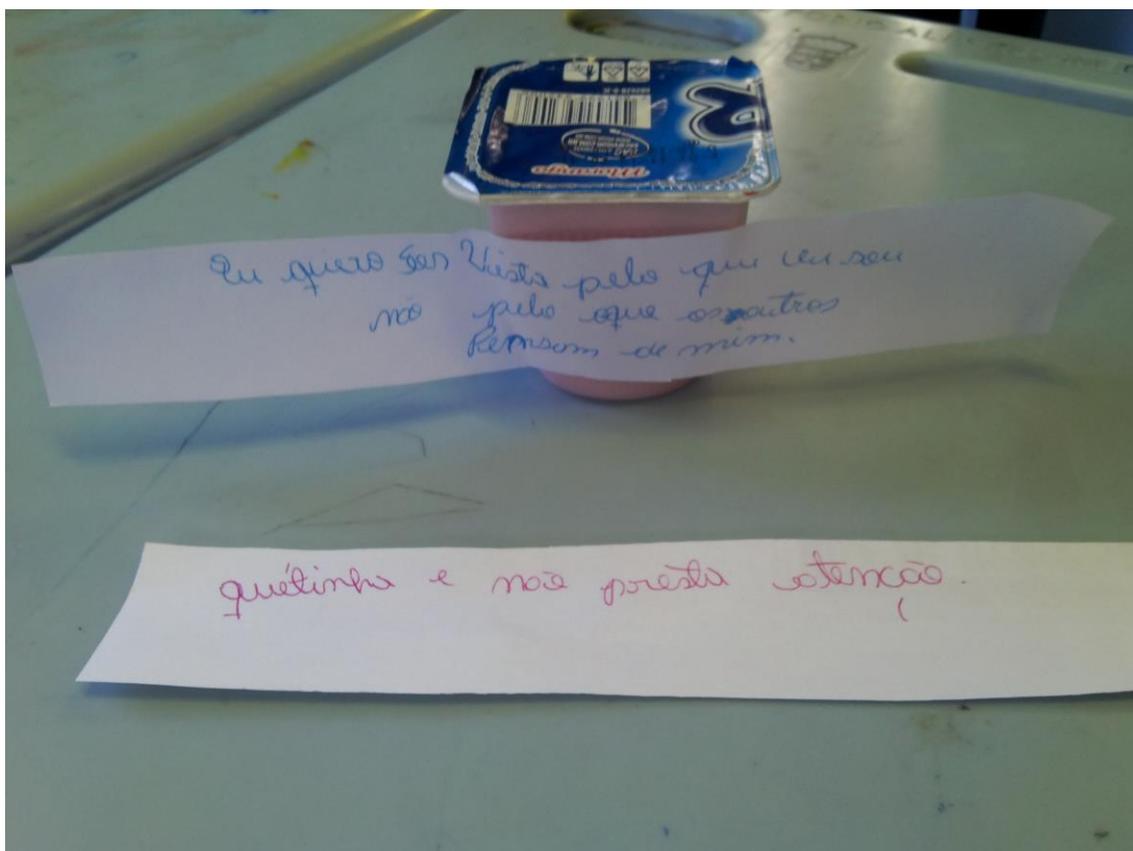


Figura 9. Imagem de iogurte com rótulo feito por aluno.

Depois destas duas atividades de oficina, conseguimos manter uma boa discussão com os alunos, que, quando questionados sobre a importância deste tipo de abordagem, disseram que era muito necessária, já que a indisciplina e a rotulação são problemas que afetam alunos e professores. A própria questão

⁵ **Nota:** Figura 9 – rótulo do aluno: “eu quero ser vista pelo que eu sou, não pelo que os outros pensam de mim.”

Rótulo dos professores: “quietinha e não presta atenção”.

da agitação deveria ser mais trabalhada em sala de aula, inclusive com os professores, a fim de mostrá-los que podem vê-la como uma qualidade, e não como um defeito de uma turma.

CONCLUSÃO

Após realizadas as etapas de revisão bibliográfica e abordagem ao público discente, ainda há muito a se discutir. A tarefa primordial deste trabalho – problematizar os fenômenos da agitação e da indisciplina – foi cumprida, mas ainda haveria muito a ser feito, caso tivéssemos uma permanência maior com a turma (pretendemos dar um feedback do trabalho à escola e, se possível, à turma em questão). Depois da oficina *Agite antes de usar*, novas propostas de trabalho podem ser pensadas, novas abordagens podem ser utilizadas. Mas nada muda o fato de que este assunto é muito pertinente e merece ser melhor estudado.

Entre os resultados obtidos neste trabalho, podemos concluir que a indisciplina é um fenômeno que afeta sistemas educacionais de todas as etapas, em todas as idades e em todas as classes sociais. Mais do que isso, trata-se de um termo que pode ter os mais amplos significados, podendo ser desde uma atitude desrespeitosa até a resposta a um autoritarismo imposto. Por isto, antes de julgar uma atitude indisciplinada, devemos refletir para tentar entender sua causa, já que pode ser apenas a resposta de um aluno clamando por justiça ou mesmo querendo ser visto de outra maneira, por outros “rótulos”.

Quanto à agitação, vista geralmente com maus olhos pela comunidade escolar, pode ser entendida de maneira positiva, como um pré-requisito para a aprendizagem. Será que não há como encararmos a agitação como o movimento do aluno através da motivação e da curiosidade, buscando se consolar no conhecimento, até saciar sua vontade pelo aprender?

Analisando as respostas dos alunos e conversando com estes, vemos que muitas vezes eles também pensam assim, e não gostam da postura estática que os professores querem que exerçam. A própria definição de agitação proposta por um dos alunos mostra sua importância na aprendizagem: *excesso de vontade de se fazer alguma coisa*. Se um aluno ficar com muita vontade de aprender uma determinada coisa, ele vai se agitar em relação a ela, e esta agitação não deve ser vetada, e sim estimulada. Julgamos importante reforçar que em nenhum momento fazemos apologia à indisciplina

desenfreada, ou mesmo à violência. O que buscamos pensar é em uma aprendizagem agitada, que provoque movimentos e que desperte reflexões.

E, por favor, não digam mais *que pena, esta turma é muito agitada*. Ao invés disso, apostem na paixão dos alunos pela aula, para que possam, então, se agitar para a construção de novos conhecimentos!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Julio Groppa. A violência escolar e a crise da autoridade docente. **Cad. CEDES**. Campinas, v.19 n.47, p. 07-19, dezembro, 1998.

_____. **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. 13. ed. São Paulo: Summus, 1996.

_____. **Indisciplina**: O contraponto das escolas democráticas. São Paulo: Moderna, 2003.

AZEVEDO, Gilson Xavier de; FERNANDES, Janice Aparecida Azevedo. A questão da indisciplina sob novos enfoques e sérias preocupações: uma revisão de literatura e proposta metodológica. **Revista alpha**, Patos de Minas, v. 13, p.199-217, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização**: as consequências Humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.

BUSS, A. H. **Self-consciousness and social anxiety**. San Francisco, CA: Freeman, 1980.

CARDOSO, Simone Muller. **Estabelecendo limites** - Professor. Porto Alegre: Artmed, 1998.

CIULIK, Fabiane. Indisciplina e Hiperatividade - uma abordagem no processo da aprendizagem. **Opet**, Curitiba, n.5, p.1-15, 2011.

ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. 3. ed. Portugal: Porto, 1992.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FORTUNA, Tânia Ramos. Indisciplina Escolar: da Compreensão à Intervenção. In: XAVIER, Maria Luisa. **Disciplina na Escola – Enfrentamentos e Reflexões**. Porto Alegre: Mediação, 2002. P. 87-104.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 34. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GOTZENS, Concepción. **A disciplina escolar**: prevenção e intervenção nos problemas de comportamento. 2. ed. Porto Alegre: Art. Med. Editora, 2003.

GUIMARÃES, Áurea M. Indisciplina e Violência: a ambiguidade dos conflitos na escola. In: AQUINO, Júlio Groppa (Org.) **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 13. ed. São Paulo: Summus, 1996. P. 73-83.

LA TAILLE, Y. de. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, Júlio Groppa (Org.) **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 13. ed. São Paulo: Summus, 1996. P. 9-25.

MARCONDES, E. **Pediatria Básica**. 9. ed. São Paulo: Sarvier, v. 1, 2002.

MORAES, Juliana Brum et al. A criança agitada nem sempre é um problema. **Pediatria Moderna**. São Paulo, v. 12, n. 5, p. 188-192, maio. 2012.

PASSOS, Laurizete Ferragut. A indisciplina e o cotidiano escolar: novas abordagens, novos significados. In: AQUINO, Júlio Groppa (org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 13. ed. São Paulo: Summus, 1996. P. 117-129.

PEREIRA, Antonio Igo Barreto. **A (in)disciplina como instrumento de resistência ao poder disciplinador: uma outra perspectiva de análise das transgressões às normas escolares homogeneizadoras**. 2009. Trabalho apresentado no V Simpósio sobre Trabalho e Educação, Belo Horizonte, 2009.

POZO, J. I. **Aprendizes e mestres**: a nova cultura da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

REGO, T. C. R. A indisciplina e o processo educativo; uma análise na perspectiva vygotskiana. In: AQUINO, Júlio Groppa (Org.) **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 13. ed. São Paulo: Summus, 1996. P. 83-103.

SHÄFFER, Margareth; BARROS, Jane Fischer. A demanda escolar à clínica: quando o não-aprender passa a ser o nome (do aluno). In: MARASCHIN, C; FREITAS, L. B. L. e CARVALHO, D. (Org.). **Psicologia e Educação: Multiversos Sentidos, Olhares e Experiências**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. P 57-77.

TREVISOL, Maria Teresa Ceron. Indisciplina escolar: sentidos atribuídos por alunos do Ensino Fundamental. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, 6., 2007, Concórdia. **Anais**. Concórdia: Universidade do Contestado, 2007. P 1-18.

WALLON, H. **Psicologia e educação na Infância**. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

XAVIER, M. L. M. O sentido da educação básica para as classes populares: conteúdos programáticos em questão. In: QUIJANO, G. R. (Org.). **Jornada de educação popular: pelo encontro da escola com a vida**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 17-36.

ZENTI, L. Aulas que seus alunos vão lembrar por muito tempo: motivação é a chave para ensinar a importância do estudo na vida de cada um de nós. **Nova Escola**, São Paulo, v. 134, ago. 2000.